

Dentro das aventuras da vida, a aventura literária é das mais excitantes

Nove do Sul

O ano era 1962. O país estava agitado: no ano anterior, uma tentativa de golpe fora abortada pelo glorioso movimento da Legalidade, nascido nas ruas de Porto Alegre. Na esteira da Legalidade veio a exigência das chamadas reformas de base, sobretudo a reforma agrária. Os comícios se sucediam, os atos de protesto...

Estudante de Medicina, eu era um jovem inquieto. Como outros jovens inquietos, eu escrevia, e escrevia furiosamente. Contos, principalmente, que mostrava a meu amigo Carlos Stein, cujo talento só tinha paralelo na cáustica ironia. E foi numa dessas conversas que a idéia surgiu: por que não organizar uma antologia de contos?

Por incrível que pareça, essa idéia era original. Que fosse de nosso conhecimento, nunca se fizera uma coletânea de autores gaúchos. E assim, fomos em busca de autores. Alguns deles já eram conhecidos no meio jornalístico: Josué Guimarães, Sérgio Jockymann, Lara de Lemos, Ruy Carlos Ostermann, Cândido de Campos. Outros, como Tânia Faillace – um impressionante talento – e Sérgio Porto, meu colega de faculdade, eram inéditos. O editor seria o nosso amigo Luiz Lerrer que, resignado, apoiava essas aventuras.

Fomos bem recebidos. Josué Guimarães, praticamente desconhecido como ficcionista, contribuiu com textos inéditos, e bem assim o Ruy. Jockymann conseguiu impedir que o livro se transformasse num empreendimento amadorista: um amigo dele, publicitário, projetou a edição. Os textos seriam ilustrados com retratos, desenhados, dos autores. Ali me vejo, com uma camisa fora de moda e uma basta cabeleira (espero que, no Juízo Final, os cabelos perdidos pesem a nosso favor. Uma pequena indenização que Deus nos deve).

O livro teve um sucesso. Ensejou algumas piadas – à época, havia um popular produto conhecido como Chá das Nove Ervas, e o trocadilho a respeito era inevitável. A edição original se esgotou, mas agora o Instituto Estadual do Livro, dirigido pela brilhante Cíntia Moscovich, fez uma reedição comemorativa, que será lançada no IEL (André Puento, 318) nesta terça, dia 10, às 19h. Lá estaremos, comemorando o aniversário. Quarenta anos se passaram então – o mesmo período de tempo que os hebreus levaram percorrendo o deserto, em busca da Terra Prometida. Se chegamos a Canaã, não sei dizer. Mas sei, dentro das aventuras da vida, a aventura literária é das mais excitantes. Quando mais não seja serve para evocar um passado do qual todos nós temos saudade.



Cartas, recados, e-mails – Falando em livro, a Unisinos acaba de lançar uma coleção de bolso, com nomes notáveis: o cientista e escritor Ivan Izquierdo, o crítico de cinema Luiz Carlos Merten, o professor Martin Dreher. As editoras universitárias têm crescido de maneira expressiva no Brasil, e a Unisinos ocupa, entre elas, lugar de destaque. ♦ Falando em escritores, o José Seligman, conhecido otorrino, nascido em Santa Maria, escreve para evocar um santa-mariense ilustre: o também médico e poeta Prado Veppo, falecido em 1999. No próximo dia 23, às

18h30min, um grupo de santa-marienses (Ruth Larré, Pedro Freire Junior e Quintino Correia da Silva) estará homenageando Prado Veppo com um recital de seus poemas no foyer do São Pedro. ♦ A Anita Vinhas escreve a respeito da crônica em que comparei a vida a um filme, listando os créditos: Deus é o diretor, os pais são os criadores, os filhos são os produtores, o cônjuge é o co-autor, os amigos são a platéia. Sei não, Anita. Acho que outros teriam opinião diferente. Deus deve estar mais para produtor do que para diretor – a direção, ao fim e ao cabo, compe-

te a nós mesmos, não acha? ♦ Não percam, no Guion, *O Fio da Inocência*, de Atom Egoyan. O personagem, magnificamente vivido por Bob Hoskins, tem muitos pontos em comum com o pedófilo Eugênio Chipevitch. Falando em Guion, o Guion Sol está com nova aparelhagem, o que valoriza ainda mais os bons filmes lá mostrados.

♦ Citação – “E se de repente/além de grandes lábios/ ela tiver grandes dentes?” ♦ Os poemas no ônibus – uma grande iniciativa da prefeitura – muitas vezes proporcionam surpresas,

como é o caso desse belo e ousado texto. M. Silva, que o assina, detectou, talvez sem o saber, uma das mais comuns fantasias masculinas, uma fantasia que tem até nome em latim: é a “vagina dentata”, vagina com dentes. Muitos homens têm medo de serem devorados pelas mulheres, um medo que é capaz até de gerar impotência. De modo que a pergunta do poema pode ser respondida com uma tranquilizadora negativa: não, não existem dentes. Sexo é bom, sexo dá alegria. Uma alegria que nos faz mostrar os dentes – da boca! – num sorriso de júbilo.